

# “IMPORTA O SOLO QUE EU PISO?” SÊNECA E A TRAJETÓRIA DE UM HOMEM NO EXÍLIO

DOI: 10.5935/2177-6644.20180006

"DOES IT MATTER THE SOIL I WALK ON?" SENECA AND THE TRAJECTORY OF A MAN IN EXILE

"¿IMPORTA EL SUELO QUE YO PISO?" SÉNECA Y LA TRAYECTORIA DE UN HOMBRE EN EL EXILIO

Marcos Luis Ehrhardt \*

**Resumo:** O presente artigo objetiva demonstrar e discutir como um escritor/pensador faz da sua própria experiência, enquanto sujeito desterrado, uma prática discursiva com determinados fins, quer sejam, políticos, filosóficos e morais. Trata-se de perceber as trajetórias de um autor exilado da Roma do primeiro século da era cristã, mais especificamente entre os anos de 41 – 49 d.C.), assim como àqueles produzidos imediatamente do seu retorno. O filósofo cordobês foi mandado para a ilha de Córsega devido a acusações de traição. Defendemos aqui que a escolha dos temas e do estilo de escrita de Sêneca foram amplamente influenciados pelo seu próprio exemplo, como também pela angústia, mágoa e ressentimento de um pensador fora da capital do império.

**Palavras-chave:** Sêneca. Exílio. Roma.

**Abstract:** The present article aims to demonstrate and discuss how a writer / thinker makes of his own experience, as an exiled subject, a discursive practice with certain purposes, whether political, philosophical or moral. It is a matter of perceiving the trajectories of an exiled author of the Rome from the first century of the Christian era, more specifically between the years 41-49 AD), as well as those produced immediately upon his return. The Cordovan philosopher was sent to the island of Corsica due to treason charges. We defend here that the choice of themes and the writing style of Seneca were largely influenced by his own example, as well as by the anguish, heartache and resentment of a thinker outside the empire's capital.

**Keywords:** Sêneca, Exile. Rome.

**Resumen:** El presente artículo tiene por objeto demostrar y discutir cómo un escritor / pensador hace de su propia experiencia, como sujeto desterrado, una práctica discursiva con determinados fines, ya sean políticos, filosóficos y morales. Se trata de percibir las trayectorias de un autor exiliado de la Roma del primer siglo de la era cristiana, más específicamente entre los años 41 y 49 dC.), así como a aquellos producidos inmediatamente de su retorno. El filósofo cordobés fue enviado a la isla de Córsega debido a acusaciones de traición. Defendemos aquí que la elección de los temas y del estilo de escritura de Sêneca fueron ampliamente influenciados por su propio ejemplo, así como por la angustia, el dolor y el resentimiento de un pensador fuera de la capital del imperio.

**Palabras clave:** Sêneca. Exilio. Roma.

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: marcoselh71@gmail.com

Para o intelectual, o exílio neste sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros.

Edward Said

Ao falar de exílio, percebemos a complexidade do tema pois a semântica é extensa: expatriação, podendo ser voluntária ou forçada; degredar, banir, deportar, dentre outras; pode ainda significar apartar ou afastar-se do convívio social.

Percebemos, no entanto, que o exílio impõe ao exilado sua ruptura com um mundo de referências capitais, obrigando-o à inescapável experiência do desenraizamento. A questão, parece estar naquilo que se pode fazer a partir desta experiência que, num primeiro momento, expressa apenas perdas, e as mais dolorosas.

Trataremos aqui da trajetória de um pensador que viveu no primeiro século da era cristã e foi exilado em determinado momento da sua vida. No outono de 41 d. C. Sêneca<sup>1</sup> é banido para a ilha de Corséga,<sup>2</sup> por ordens do imperador Cláudio, onde escreverá duas cartas. Na primeira, escrita em torno do ano 42, Sêneca expõe as angústias e tristezas do seu desterro, procurando consolar a mãe, privada da presença de seu “estimado filho”. O caráter pessoal do texto, na medida em que a vítima do exílio é o próprio autor, apresenta-se evidente. A carta, além de conter reflexões filosóficas estoicas, traz carregadas conotações políticas, na medida em que este fora exilado a mando de um governante. Além disso, Sêneca não perde a

---

<sup>1</sup> *Lucius Anneus Seneca* nasceu em Córdoba, uma cidade na península ibérica hoje Andaluzia, considerada a capital da província báltica. Descendente de uma família de cavaleiros, e apesar dos rigorosos cálculos, a data do seu nascimento é imprecisa, variando entre o ano 4 a.C. a 1 d.C. O pai, também chamado Sêneca, o retor, vive o ambiente dos discursos de Cícero, e critica os exageros dos estilos em voga naquela época e, consta, foi o professor de oratória do filho. As informações mais precisas sobre a mãe, Hélvia, estão contidas na carta que ele endereçou a ela no período do desterro na Córsega em 41 d.C. Os seus irmãos, o mais velho, Novato, e o mais novo, Mela, seguiram o caminho da oratória. O seu sobrinho mais famoso, Lucano, escreveu um texto importante, intitulado “*Farsalia*”, e, assim como o seu tio, viveu e morreu sob o reinado de Nero. Lucius Seneca morre em 65 cometendo suicídio por ordens do próprio Nero, pois aquele fora acusado, juntamente com outros, inclusive o seu sobrinho Lucano, de participar da chamada “Conspiração de Pisão”.

<sup>2</sup> Uma das primeiras províncias romanas, junto com a Sardenha, depois da Primeira Guerra Púnica em 227 antes de Cristo. Mas lá o processo de romanização foi lento; romanos vivem apenas nas chamadas colônias militares (costa oeste, Mariana e Aleria, esta última sob fundação grega). O geógrafo Mela, que viveu no tempo de Sêneca, denomina a região como fértil e produtiva, mas prejudicial à saúde. Assim, o isolamento, a exclusão da vida em sociedade é punição extrema e o fardo mais pesado para se carregar. Na carta consolatória enviada à mãe, Sêneca pinta Córsega com cores sombrias.

oportunidade de se colocar no panteão daqueles que também sofreram com as agruras do desterro.

A segunda carta, escrita do exílio entre 43 e 44, em tom bajulador, é endereçada à Políbio, liberto de origem grega, era na época da redação da carta, uma das pessoas mais influentes junto ao imperador Cláudio. Diz-nos Sêneca:

[...] o grande consolo de minhas desventuras é ver a sua clemência distribuída por todo o mundo: uma vez que mesmo neste lugar deserto, onde estou preso, essa clemência tem retirado várias pessoas esmagadas pela desgraça já há muitos anos e as tem reconduzidos à luz, eu não receio que ela me deixo só. Ele, (o *princeps*) conhece perfeitamente o momento em que deve socorrer cada um (SÊNECA, XIII,1,1992).

Era, portanto, claro seus objetivos, em através da carta, encontrar a maneira mais adequada de conseguir a clemência e o perdão de Cláudio, e acelerar sua volta à Roma.

Sêneca, na referida carta, descreve as funções do bom soberano, ainda que tal carta apresente sinais claros de bajulação, como dissemos, percebe-se nela, elementos que serão amplamente utilizados em outros textos de Sêneca, que contribuirão na construção do modelo do bom soberano:

[...] vê quanta lealdade, quanto trabalho deves à sua bondade em teu favor; entenderás que não te é permitido abater-te mais do que aquele, em cujos ombros o mundo se apoia, se se acredita em fábulas. Mesmo ao próprio César, a quem tudo é lícito, por este motivo muitas coisas não são permitidas: a sua vigília protege o sono de todos, a sua fadiga, o ócio de todos; a sua atividade, os prazeres, o seu trabalho, o repouso. [...] Com ele salvo, todos os teus estão salvos, nada perdeste; convém que os teus olhos não somente estejam secos, mas também felizes, em César estão todas as coisas, ele está para tudo (SÊNECA, CP, VII,1 1992).

De qualquer forma, as críticas à administração claudiana não tardaram a aparecer. Acusaram-no de se deixar manipular pelas mulheres e pelos libertos que amplamente ocupavam cargos importantes na burocracia imperial. Tal força de argumentação encontra-se em texto de Stuart Jones, na obra organizada por Cyril Bailey:

[...] a política de Cláudio naturalmente encontrou desaprovação entre os elementos conservadores da sociedade romana. [...] Cláudio tinha uma visão mais liberal do Império e do seu destino do que Augusto, que zelosamente defendia a posição privilegiada da raça italiana [...] E na

amarga mas instrutiva sátira escrita por Sêneca para o entretenimento da corte de Nero, lemos que ‘ele havia se decidido a ver todo gaulês, alemão e espanhol vestindo a toga’ (BAILEY, 1992, p. 89).

A infeliz escolha das esposas, num total de quatro, selaram o seu destino. A última delas, Agripina, sua sobrinha foi a mais ambiciosa delas. Exigiu que Cláudio adotasse seu filho e o colocasse à frente de Britânico, filho legítimo e natural sucessor na linha imperial. Fora envenenado pela própria Agripina; sua morte foi encoberta até o momento em que as decisões nos bastidores imperiais eram tomadas e Agripina pudesse garantir a subida ao trono do seu filho Domício, que assumira o império aos 17 anos, e entrar para a história com o nome de Nero.

Na carta a Políbio também encontramos elementos que serão recorrentes em outros textos de Sêneca: o binômio virtudes/vícios, a clemência<sup>3</sup>, o papel do soberano na condução da *res publica*, a importância da filosofia (estoica prioritariamente) dentre outros. Os bons exemplos estão em Catão, Sócrates, Cipião e Varrão.

Ressalta o papel do príncipe entre os homens, no qual

não há ninguém melhor do que ele para ocupar este papel de consolar; se ele fala, as suas palavras terão um outro peso, como se envolvidas por um oráculo: a sua divina autoridade esmagará toda a força de tua dor” (1992:114); ou ainda na mesma carta no qual [...] este Príncipe, que foi outorgado à decadente humanidade, seja por ela considerado sagrado (SÊNECA, 1992, p.118).

Sêneca, na referida carta, descreve em Augusto o grande modelo de governante, que seguramente vale como exemplo tanto para o amigo, destinatário da carta, quanto à posteridade. Outro tema recorrente em Sêneca é o exemplo de Augusto como um governo modelar.

O divino Augusto perdeu Otávia, sua caríssima irmã, e nem sequer ele, a quem a natureza destinara o céu, deixou de chorar. Pelo contrário, abalado por toda espécie de sofrimento, perdeu o filho de sua irmã, preparado para seu sucessor. Finalmente, para não enumerar cada uma de suas dores, perdeu genros, filhos, netos e, ninguém mais do que ele, de todos os mortais, teve consciência de que era um homem enquanto estava entre os homens. Entretanto, o seu espírito, tão capaz de acolher tudo,

<sup>3</sup> Não podemos esquecer que Sêneca construirá, quando do seu retorno à Roma, um tratado inteiro dedicado ao tema da clemência, e endereçado ao futuro imperador Nero.

suportou tantas e tão grandes dores e o divino Augusto foi vencedor não somente de nações estrangeiras, mas também das dores (SÊNECA, 1992, p.3).

Percebe-se ao longo da história política do Império romano, uma expressão de aplicabilidade dos ensinamentos estoicos: o cosmopolitismo<sup>4</sup> e o universalismo desta escola filosófica marcaram presença expressiva na mentalidade romana. Para Sêneca em carta endereça a sua mãe Hélvia

assim, enquanto meus olhos não se afastarem daquele espetáculo, do qual são insaciáveis, enquanto me permitirem olhar o sol e a lua, fixar os outros planetas, observar o seu nascimento e ocaso, as distâncias e as causas de caminhar mais rápida ou mais lentamente, contemplar durante a noite tantas estrelas cintilantes, umas imóveis, outras que não caminham em grande curso, mas giram em sua própria órbita, enquanto esteja com estas coisas e na medida em que é permitido ao homem, possa eu misturar-me aos corpos celestes, enquanto tenha sempre no céu o espírito inclinado à contemplação das coisas que lhe são afins, que me importa que solo eu pise? (SÊNECA, 1973, p.77)

Na Carta 28,4 escrita ao amigo Lucílio, o filósofo corrobora a perspectiva universalista dos estoicos quando afirma que “temos de viver com esta convicção: não nascemos destinados a nenhum lugar particular, a nossa pátria é o mundo inteiro [...] Se te persuadires de que toda a terra te pertence, o primeiro ponto em que parares agradar-te-á de imediato” (SÊNECA, 1991, p.105).

Aqui percebemos um escritor que procura elementos para se fortalecer, ainda que em uma das reflexões, esteja no exílio. Tenciona mostrar força, solidez, paz de espírito, características dos chamados “grandes homens”. Nesta carta no qual os críticos quiseram ver um ato de adulação para com o favorito de Cláudio, podemos reconhecer uma serenidade de pensamento que vai além do fácil meio de adulação para obter o perdão.

Agripina foi peça chave na sucessão imperial entre a morte de Cláudio e a subida de Nero ao trono. Esta, quando chamou Sêneca do exílio, objetivava passar uma boa impressão pública e política, pois Sêneca já era célebre devido à sua ampla e reconhecida produção literária. Para Agripina, Nero deveria conciliar cultura intelectual e retórica;

---

<sup>4</sup> O cosmopolitismo tornou-se um dos fundamentos da doutrina estoica fundada por Zenão de Cícium em aproximadamente 300 a. C. na Grécia. O cosmopolitismo nega as divisões de território e de política. O homem afirma-se como um cidadão do mundo. Na Grécia com a filosofia Cínica, Diógenes define-se a si mesmo como um “cidadão do mundo”.

para tanto, o filósofo deveria instruí-lo em sua grande tarefa de tornar-se o verdadeiro sucessor de Augusto. Sêneca, escritor e orador, era, portanto, o preceptor apropriado para o seu filho.

Um de seus textos mais conhecidos e controvertidos foi redigido em 54, trata-se do libelo político “*Apocoloquintose do Divino Cláudio*”.<sup>5</sup> Cláudio tomou decisões que entravam em atrito, principalmente para com os grupos mais conservadores, pois tinha uma visão mais liberal dos destinos do império, se comparado com Augusto, por exemplo. Os libertos que cercavam o imperador, mostravam-se de uma capacidade notável, formando uma espécie de estado-maior encarregado do grande aparato administrativo. Esse trabalho, mostrava-se consideravelmente mais avançado que o serviço público criado no principado de Augusto.

Surpreende a todos um homem que, dedicado as letras, cometido de aparência física tal que sua própria mãe dizia que a natureza o tinha “apenas começado, sem acabar”, assumira o trono com aproximadamente 50 anos e desempenhara com grande dedicação suas funções de imperador.<sup>6</sup>

Vejamos como Sêneca nos revela também a sua opinião sobre a política adotada por Cláudio em relação aos escravos e aos libertos, posição por sinal bastante contrária, em trecho do “*Apocolocintosis*”, mas aqui dando a voz para Cloto, que fala sobre Cláudio<sup>7</sup>: “Eu tinha pensado, por Hércules, em deixar-lhe alguns dias, somente para poder conceder a cidadania aos poucos que ainda não a possuem: ele decidira ver todos com a toga, Gregos, Gauleses, Hispanos, Britanos”.<sup>8</sup>

Esse texto, bastante controverso, exemplifica a meu ver, toda mágoa, todo ressentimento de Sêneca pelo exílio. Em texto magistral, Giuseppina Grammatico analisa as implicações deste importante texto. Sua chave de leitura é o silêncio (gestado

<sup>5</sup> Sêneca circula seu panfleto em dezembro, durante as festas em homenagem a Saturno, as Saturnais. Brincava-se de “mundo invertido”, e eram espaços para jogos ou encenações teatrais. Ao invés da glorificação de Cláudio, a sua “*Apocolocintosis*”, ao invés de adoração, uma zombaria.

<sup>6</sup> Uma passagem risível da escolha de Cláudio como imperador aparece nos anais da história romana. Com o findar do governo de Calígula, o senado discutia pelo restabelecimento da república, porém, a Guarda Pretoriana chama para si a responsabilidade da sucessão imperial. A procura de um candidato encontram no palácio o tio de Calígula, escondido atrás das cortinas com um medo mortal de ser o próximo nas lista dos assassinados. A Guarda aclama-o imperador e obriga o Senado à aceitá-lo como tal; esse homem era Cláudio.

<sup>7</sup> Uma das três deusas, filhas de Júpiter ou de Érebo e da Noite; Cloto, a mais moça das Parcas, fiava o fio da vida; Láquesis determinava a qualidade e o comprimento do fio; Átropos, com a tesoura, cortava o fio no momento oportuno e inexorável.

<sup>8</sup> SÊNECA. *Apocolocintosis*, p. 262. No livro XI, capítulo XXXV, Tácito fala que Cláudio obedecia a um liberto. No livro XII, capítulo XX, Cláudio se mostrava moderado com homens que não eram romanos. Aqui, a nosso ver, aparecem novamente ecos senequianos na obra tacitiana.



em vários anos, aguardando o momento certo para “por pra fora” toda sua mágoa, raiva e ressentimento).<sup>9</sup>

Ali estão todos os pontos negativos do principado Claudiano. Brigas, reformas mal feitas, o excesso de liberos na corte, a injustiça de suas decisões, corrupção e crueldade, dentro outros.<sup>10</sup>

Sêneca ridiculariza o *princeps* de maneira impiedosa:

As últimas palavras que ele pronunciou entre os homens (depois de ter soltado um som, mais alto do que de costume, pela parte do corpo com que se exprimia mais eloquentemente) foi esta: “ai de mim, acho, talvez, que me sujei”. Se era verdade, não sei: o que é certo é que ele sempre sujou em qualquer lugar (SÊNECA, 1996, p. 08).

Em outro trecho do libelo repete-se o tom jocoso e rancoroso de Sêneca para com Cláudio:

Anunciam a Júpiter a chegada de um fulano, estatura normal, cabelos quase brancos: Não deve ter boas intenções, pois abana continuamente a cabeça e coxeia do pé direito. Perguntei-lhe de onde vinha: respondeu não sei o que, com sons indistintos e voz confusa. Não compreendo a sua língua: não é nem grego nem latino, nem de qualquer outro povo conhecido. (SÊNECA, 1996, p. 10).

Para conquistar definitivamente a simpatia de Nero, Sêneca demarcou claramente essa época; pinta o período de Cláudio como administrativamente catastrófico, ou seja, Cláudio encarnaria, ou até melhor, representaria a figura do “mau” imperador, e Sêneca, objetivava deixar o “Apocoloquintose” como o exemplo a não ser seguido por imperadores que governariam posteriormente. Do contrário, quando Nero assumiu o poder, inaugurou-se uma idade de ouro, próspera e feliz. Diz-nos no libelo político:

os acontecimentos que se passaram nos céus durante o dia 13 de outubro, primeiro ano de uma nova era de felicidade, eis o que eu quero transmitir à história. E sem ressentimentos nem simpatias. (para muitos uma paródia da frase: *Sine ira et studio*, característico dos textos de história em Roma) Aqui será apresentada a verdade: se por acaso

<sup>9</sup> Ver: GRAMMATICO, Giuseppina. Silencio y Furor en La Apokolokynthosis de Sêneca. In: **Semanas de Estudios Romanos**. Universidad Católica de Valparaíso. Chile, vol IX, 1998, p. 93 – 108.

<sup>10</sup> O texto senequiano contra Cláudio teria inclusive repercussões futuras. O Cláudio tacitano estaria bastante próximo daquele pintado por Sêneca no seu *Apocolocintosis*, além do Cláudio de Suetônio, apesar de algumas inclinações mais positivas.

alguém me perguntar de onde tire estas notícias tão exatas, em primeiro lugar, se não tiver vontade, não responderei. Quem poderá forçar-me a isso? Eu sei que me tornei livre no mesmo instante em que acabou os seus dias aquele que tinha demonstrado a verdade do provérbio: um homem nasce ou príncipe ou idiota (SÊNECA, 1996, p. 06).

Cláudio será julgado pelo tribunal dos deuses presidido por Hércules que ao se deparar com a fisionomia de Cláudio exclama: “acho que não terminei minha tarefa, é meu décimo terceiro trabalho”. A Cláudio restará jogar dados com um copo sem fundo (conhecido hábito do imperador, jogar dados). Será dado como criado a um liberto, Menandro. (Crítica mordaz aos excessivos libertos presentes da corte claudiana).

### Considerações finais

Ao tratar de questões sobre deslocamento, sobre exílio e sobre situações de desterro podemos pensar duas perspectivas: por um lado, as agruras das referidas situações, penosas, pesadas e difíceis para quem passa a experiência; por outro lado, um distanciamento espacial e cultural pode permitir ao autor/pensador a possibilidade da construção de uma visão mais crítica e talvez anticonformista da realidade.<sup>11</sup> “Através do diálogo com outra cultura, a experiência da expatriação (imposta ou voluntária) propiciou uma maior lucidez em relação às contingências históricas” (SILVA, 2008, p.23).

Ao nuançar o exílio, citamos Helenice Silva quando diz que mostramos “tanto os estigmas depreciativos – o desterro, a expatriação -, quanto as chances de renovação cultural – o universalismo, o cosmopolitismo. Dolorosa experiência de perda, o exílio é também uma fonte de enriquecimento cultural. Por um lado, representa a ruptura do indivíduo com seu meio social e com sua identidade de cidadão, por outro, permite a reconstrução de uma existência” (SILVA, 2008, p. 24).

Para além disso, tais experiências permitem ao exilado/desterrado ainda escapar de pressões (institucionais, políticas, culturais, psicológicas) e escrever de maneira mais livre, ou aquilo que Enzo Traverso chamou de “privilégio epistemológico do exílio”.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Ver: SILVA, Helenice R; Kohler, Heliane. O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados. In: Travessias e cruzamentos culturais. Rio de Janeiro: FGV, 2008. Devemos lembrar que exílios, desterramentos inspirou e motivou inúmeras produções literárias (em sentido amplo) ao longo da história. Como exemplo podemos citar: Edward Said, Enzo Traverso, Georg Simmel, Karl Mannheim, entre outros.

<sup>12</sup> Ver. TRAVERSO, Enzo. Exílio y violencia in la Historia como campo de batalla. Barcelona: Fondo de cultura,



Para entender as reflexões (transformadas em texto) surgidas durante um exílio, se fez necessário incluir nas discussões algumas temáticas caras ao assunto tais como: literatura e política, viagem, memória, trauma, corpo, identidade, testemunho, entre outros temas que surgiram ligados à experiência do exílio. A questão do exílio também está grandemente ligada à noção de alteridade: a escrita como um encontro com o outro. Repensar a alteridade, conduz fundamentalmente ao exame do problema da identidade. Nesse sentido, a noção de identidade cultural estaria em assentimento com as transformações sociais e políticas, ora como efeito, ora como participação simultânea dessas transformações. A alteridade constitui-se, então, em elemento instaurador de diferenças. Assim, o sujeito no exílio se manifesta como diferença e alteridade ao mesmo tempo.

Como diz Edward Said:

[...] o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada [...] as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2001, p. 46).

Aqui a justificação do teor rancoroso, ressentido, vingativo de Sêneca para com Cláudio no texto *Apocolocintose do Divino Cláudio* já citado e discutido ao longo desta reflexão.

Como um projeto de escrita e um ato de criação, a experiência do exílio toca dois universos: o aspecto iluminador da presença e o universo do estranhamento e da solidão.<sup>13</sup>

Afirma Miriam Volpe:

Há uma possibilidade de se acrescentar à reflexão sobre o exílio, um novo conceito, o de tempo. Todo desterro implica um “destempo” (termo cunhado por Joseph Wittlin), pois o exilado seria despojado não só de sua terra mas também dos acontecimentos de seu tempo que transcorre em seu país enquanto ele está fora. Também, é frequente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da

---

s/d.

<sup>13</sup> Para autores como James Joyce, Ezra Paud, Samuel Beckett ou Paul Bowles, o exílio sugere valores mais sedutores, vinculados a estados da consciência, capazes de confirmar qualidades do indivíduo cuja pureza só seria possível a partir de uma conquista solitária de um espaço próprio. Nietzsche, Joseph Conrad, T.S. Eliot, Nabokov, ou Theodor W. Adorno, porém, pertencem a outra tradição de autores que vê o exílio como absoluta orfandade, fratura, trauma, solidão.

terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tyrannizar o presente pela nostalgia do que se perdeu (VOLPE, 2005, p. 82).

Objetivamos demonstrar e problematizar algumas concepções de Sêneca a partir dos textos produzidos tanto no seu exílio (41 – 49 d.C.) quanto àqueles produzidos imediatamente do seu retorno à Roma. Defendemos aqui que a escolha dos temas e do estilo de escrita de Sêneca foram amplamente influenciados pelo seu próprio exemplo, como também pela angústia, mágoa e ressentimento de um pensador fora da capital do império. Sêneca demonstrou que sua produção educacional tem quilate para a posteridade colocando-se como pertencente à linha mais digna dos grandes autores da Antiguidade que também sofreram com as agruras de um desterro. O seu projeto político-filosófico aparece alinhado em diversos textos incluindo àqueles produzidos no exílio pois além de conter reflexões estoicas, traz carregadas conotações políticas. Convém não esquecer que grande parte das construções discursivas sobre Cláudio, posteriormente feitas, como por exemplo em Tácito, são retiradas de Sêneca.

### Referências

- BAILEY, Cyril (Org.). **O legado de Roma**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- GRAMMATICO, Giuseppina. Silencio y furor en la Apokolokynthosis de Séneca. In: **Semana de Estudios Romanos**. Vol IX. Instituto de História. Universidad Catolica de Valparaiso. Chile, 1998.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Helenice R; Kohler, Heliane. O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados. In: **Travessias e cruzamentos culturais**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- TRAVERSO, Enzo. **Exílio y violència in la Historia como campo de batalla**. Barcelona: Fondo de cultura, s/d.
- VOLPE, Miriam. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

### Fontes

- SENECA, Lucius Anneus. **Epístolas Morales a Lucílio**. Madrid: Gredos, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Tratado sobre a Clemência**. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren.
- \_\_\_\_\_. **Apocolocintosis**. Introducciones, traducciones y notas de Juan Marine Isidro. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cartas consolatórias.** Trad. Cleonice Furtado van Raij. Campinas: Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Lucílio.** Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Recebido em: 05 de fevereiro de 2018.

Aprovado em: 14 de maio de 2018.